Gil Vicente, *Barca do Inferno* – A Língua Ivo Castro
Jornadas UNL 10.5.2008

1. A língua de Gil Vicente balança entre o português médio e o português clássico

«Para efeitos de periodização, podemos assumir que o português clássico começou quando morreram os últimos falantes que diziam *olhade*, *queredes* ou *cobride*. E estes morreram com Gil Vicente. Como mostrou Paul Teyssier (Teyssier 2005: 215ss.), as personagens femininas e idosas de Gil Vicente (as *comadres*, ou seja «matronas, velhas, regateiras e mulheres do povo», na maioria citadinas) ainda usavam formas verbais com *-d-*. No *Auto da Índia*, estreado em 1509, a ama diz: «*Olhade* a mal estreada!» (1-4), exemplo que se multiplica com sistematicidade nos autos vicentinos. Na época, o *-d-* intervocálico da segunda pessoa do plural tinha já desaparecido, não se dizia mais *olhade* e sim *olhai* (escrito geralmente *olhae*), como hoje. Tinha desaparecido da língua comum, mas não da boca de certos tipos populares, nem estava completamente esquecido pela sociedade da época, que ainda era capaz de reconhecer esse arcaísmo de pronúncia e de o interpretar diastraticamente, facto que o dramaturgo aproveita para a caracterização das suas personagens. A língua literária, especialmente a língua do teatro, é uma das normas que mais facilmente podem preservar fósseis linguísticos com uma certa semelhança de vida (tirando partido do artificialismo da ressuscitação para efeitos estéticos). Mas este efeito literário só funcionaria durante o primeiro quartel do séc. XVI. A sua eficácia perde-se, com a capacidade de o reconhecer, depois disso, como argutamente nota Teyssier:

> O *d* característico está rigorosamente ausente de toda a restante Escola Vicentina, onde, todavia, não faltam as comadres. Elas estão presentes em todas as peças, desde Baltasar Dias até António Prestes. Estes escritores tinham centenas de ocasiões para empregar o "*d* das comadres". Se o não fazem, é porque escrevem numa época em que esse *d* já desapareceu completamente da língua falada, com a última geração de mulheres do povo que o tinham aprendido no século anterior. (Teyssier 2005: 233)

Um outro traço pode ser invocado para ilustrar o estado da língua em Portugal no início do séc. XVI: a variação entre formas antigas e modernas para a 1.ª pessoa singular do indicativo presente do verbo *ser*. Também aqui vemos como a língua medieval cede o lugar a formas mais modernas, nos finais da faixa de transição que encerra o português médio. Recordemos o processo: a forma latina SŬM resultou normalmente no português antigo *som*, o qual foi afectado pela concentração das terminações nasais em [ɐ̃w] e passou a ser grafado como *são* e como *sam*, ambas as grafias correspondendo ao ditongo nasal. Todas estas formas enfermavam de um problema, que não existira na flexão latina: colidiam homonimicamente com a 3.ª pessoa do plural, derivada de SŬNT. Daí a necessidade de encontrar alternativas, através de formas analógicas: *sou* (por influência de *estou*) e *sejo* (de *seja*). Finalmente, temos uma forma grafada *so* ou *soo*, resultante da desnasalação de *som* ou, mais provavelmente, representando a pronúncia meridional, monotongada, de *sou*; em qualquer dos casos, esperar-se-ia que esta vogal fosse fechada («pequena»), mas aparece em rima com *avoo* e *só* no *Auto da Feira* (Teyssier 2005: 96). Sabemos no que deu esta abundância de hipóteses: a escolha de *sou* ficou feita ainda durante o séc. XVI, mas algumas das outras formas não desapareceram até hoje dos dialectos do norte e estão presentes mesmo em ambiente urbano (Porto, Braga). Interessa-nos, aqui, observar como se distribuíam as várias hipóteses no início do séc. XVI, recorrendo mais uma vez às personagens de Gil Vicente (Teyssier 2005: *ibid*.):

são (*sam*) é usado	114 vezes
sou	62 vezes
so (*soo*)	3 vezes
som	9 vezes
sejo	uma só vez

Interessante que todas estas formas sejam usadas por personagens de todas as classes sociais, com excepção de *sejo*, que o é por um lavrador. Assiste-se assim, de uma forma generalizada, ao declínio da forma antiga (*som*) e ao predomínio da forma média (*são*), em disputa com a forma moderna (*sou*).
Enquanto as personagens de Gil Vicente assim falavam (e assim falaria o seu público), nascia e aprendia a falar Fernão de Oliveira, que em 1536 contava nos seguintes termos as suas experiências traumáticas com a flexão de *ser*:

> E mais o verbo sustantivo, o qual uns pronunciam em *om*, como *som*, e outros em *ou*, como *sou*, e outros em *ão*, como *são*, e também outros que eu mais favoreço em *o* pequeno, como *so*. No parecer da premeira pronunciação, *o* e *m*, que diz *som*, é o mui nobre Joam de Barros, e a rezão que dá por si é esta: que de *som* mais perto vem a formaçam de seu plural, o qual diz *somos*. Contudo, sendo eu moço pequeno, fui criado em São Domingos d'Évora, onde fazião zombaria de mim os

da terra porque o eu assi pronunciava segundo que o aprendera na Beira. (Oliveira, cap. XLVII; transcrição modernizada).»

[Ivo Castro, 2004, *Introdução à História do Português*, Lisboa, Colibri; 2.ª ed. 2006, p. 186-7]

2. O que tinha mudado no português médio

a. síncope do *-d-* intervocálico na desinência da 2.ª p. pl. (*estades > esta-es, vendedes > vende-es*), seguida da resolução do hiato, geralmente por meio de ditongação (*esta-es > estais, vende-es > vendeis*), mas tb. por crase das duas vogais (*vendês*);

b. eliminação de hiatos por três processos: *monotongação* (crase das duas vogais numa única: dolore > do-or > dor); *ditongação* (uma das vogais converte-se em semivogal: Dɛ-us > Dɛws > Dews); ou a *epêntese* de uma consoante (*vinho* ou *uma*) ou de uma semivogal (credo > cre-o > creio; *a-i-água*);

c. unificação de terminações nasais: *leõ* e *cã* (cão) acabam a rimar com *mão*;

d. regularização do género: *fim*, *mar*, *planeta*, *aleijão* passam do fem. ao masc.; *linhagem* do masc. ao fem.

e. generalização dos particípios em *-ido: temudo > temido*

f. entrada maciça de empréstimos lexicais do latim literário

3. O que marcou o português clássico

a. elocução pausada;

b. predomínio da africada [tʃ], grafada *ch*;

c. simplificação do sistema de sibilantes: as duas apicoalveolares passam a predorsodentais no sul e centro; confundem-se *cozer* e *coser*;

d. confusão entre *b* e *v* expande-se de norte para sul, até ao Tejo;

e. auge da próclise na oração principal afirmativa:

	1250-99	**1300-49**	**1350-99**	**1400-49**	**1450-99**	**1500-49**
próclise	7,1%	24,6%	41,9%	78,9%	92,7%	98,8%
ênclise	92,9%	75,4%	58,1%	21,1%	7,3%	1,2%

[A.M.Martins 2002, Mudança sintáctica e hist. da líng. port., *Hist da Língua e Hist. da Gram.,* Braga, p. 270)

4. Questão editorial

O *Auto da Barca do Inferno* está publicado na *Compilação* de 1562, póstuma (fols. 43v-49v). Mas dele existe uma ed. anterior, em folha volante de 1517 (BN Madrid). Os facsimiles destas edições podem ser vistos em *As Obras de Gil Vicente*, ed. José Camões, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro/INCM, 2002: o vol. III tem o facs. da *Compilação*; a folha vol. está no vol. IV: 561.

Uma ed. sinóptica das duas versões foi publicada por I. S. Révah (*Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente. I: Edition critique du premier «Auto das Barcas»*, Lisboa, 1951). Pedir versão PDF a ivo.castro@fl.ul.pt

As duas versões têm numerosas variantes, tanto textuais como de língua:

«1) Toda uma série de grafias e de formas são "remoçadas" pela *Copilaçam*. Enquanto a edição de Madrid emprega, por exemplo, 5 vezes o verbo *leixar* (com *l*) e ignora a forma *deixar*, a *Copilaçam* escreve 2 vezes *leixar* e 3 vezes *deixar*, única forma que sobreviveu na língua moderna. O mesmo aconteceu com a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*: em 8 casos a forma "recente" *sou* não se encontra uma única vez na edição de Madrid e no entanto é empregada cinco vezes na *Copilaçam*. De igual modo alguns arcaísmos característicos, como a grafia *vinraa* em vez de *viraa*, aparecem na edição de Madrid e são suprimidos na *Copilaçam*. Observaremos, entretanto, que não se pode exagerar o alcance de comparações pormenorizadas feitas assim de termo a termo. O português do século XVI é uma língua em plena evolução: a mesma palavra é muitas vezes atestada em duas, três ou mesmo quatro formas diferentes: *dezia-dizia*, *avesso-averso-adverso, assossegar-sossegar-assessegar-sessegar*, etc. Pode a edição de Madrid dizer *fegura*, *apercebida*, *ainda*, *Gracia* e a *Copilaçam* nos mesmos lugares *figura*, *percebida*, *inda*, *Garcia*, mas tais oposições não têm nenhuma significação particular no que respeita à autenticidade do texto. Esta reserva, todavia, não deve fazer perder de vista a

importante constatação que acabámos de fazer: a *Copilaçam* rejuvenesce em certa medida a língua de Gil Vicente.
2) Este rejuvenescimento, no entanto, diz respeito sobretudo às palavras e às formas que pertenciam à língua normal e não àquelas que caracterizavam a maneira de falar de algumas personagens particulares. Assim, *leixar-deixar*, *dezia-dizia*, etc., são variantes destituídas de significação estilística e o emprego de uma ou de outra era muito certamente inconsciente. Os copistas e os impressores substituíam uma forma por outra sem qualquer prevenção e, com o passar do tempo, verificou-se assim um deslizar geral e espontâneo de toda a língua. Porém, quando o Parvo da *Barca do Inferno* diz *samica*(*s*), quando a Alcoviteira diz *dizede* em vez de *dizee-dizei*, quando o Judeu diz *Deu* em vez de *Deos*, a *Copilaçam* não moderniza nem corrige as lições da edição de Madrid: todas estas formas lá se encontram.»
[Paul Teyssier, 2005 *A Língua de Gil Vicente*, Lisboa, INCM, p. 20-21]

	¶ *Vẽ joane ho paruo e diz ao araes do inferno*		¶ *Vem hum paruo, e diz ao arraiz do inferno.*
	Ou daq̃sta. di. quẽ he. jo. eu so he esta arauiara nossa	250	¶ Ou daq̃lla/di/quẽ he/pa/eu soo he esta nauiarra vossa.
250	dia. de quẽ. jo. dos tolos. di. vossa entra. jo. de pullo ou di voo ou pesar de meu auoo		Di. De quẽ/par/dos tolos/di/vossa entray/par/de pulo, ou de voo ho pesar de meu auoo,
	soma vim adoecer	255	soma vim hadoecer
	e fuy maa ora amorrer		e fuy maa ora morrer
255	e nello pera my soo		e nella pera mi soo.
	dia. de qne morreste. jo. de que samicas de cagaueyra		Diabo. ¶ De que morreste/par/de q̃ samica de caganeyra.
	dia. de que. jo. de cagamerdeira maa rauugem que te de	260	Dia. De q̃/par./de caga merdeyra maa raugem que te dee.
260	dia. Entra põe aqui o pee		Dia. Entra, põe aqui o pee.
	jo. oula nõ tombe ho zambuco		Par. Oula, não tombe o zambuco.
	di. entra tolazo enuco		Dia. Entra tolazo euuco
	que se nos vay a maree	265	que se nos vay a maree.
	jo. aguardaee aguardaee oula		Paruo. ¶ Aguarday aguarday, oulaa
265	e onde auemos nos dir ter		e onde auemos nos dir ter.
	dia. ao porto de lucifer		Dia. Ao porto de Lucifer.
	jo. ha a a. di. ho inferno ẽtra ca		Par. Como/dĩ/oo inferno ẽntra ca.

Dos mesmos editores (José Camões e Helena Silva): *Gil Vicente. Reportório Escolar*, Lisboa, D. Quixote, 2000.